CIDAC
Centro de Documenta
TL 3694

T I M O R - L E S T E - "A IGREJA DEVE FAZER OUVIR A SUA VOZ"
(bispos portugueses)

Timor-Leste não é mais um caso de violência num mundo em que a violência é, infelizmente, um dado habitual. Com 200.000 a 300.000 mortos, numa população total de 680.000 em 1974, a invasão e ocupação de Timor-Leste pela Indonésia causou nesta antiga colónia portuguesa mais mortos do que as guerras do Líbano ou da América Central.

Mais de 1 timorense em cada 3 foi directamente morto pelos indonésios ou morreu em consequência da fome.

As cartas de padres que vivem em Timor levantam um canto do véu com que os indonésios tentam esconder o que aí se passa. Massacres colectivos como "bombardeamentos de zonas densamente povoadas" ou selectivos matando todos os que tiverem um certo grau de educação: "no posto de Uatolari, no concelho de Viqueque, foram exterminados os rapazes que tinham como habilitação mínima a 2ª classe da instrução primária". Nem as crianças de colo escapam: "foram massacrados à rajada ou esfaqueados, crianças de todas as idades eram esquartejadas, as mães degoladas, as mulheres grávidas esfaqueadas e os bébés que esperavam nascer esmagados ou esquartejados... até alguns soldados indonésios choraram...". Um militar indonésio justificaria tais procedimentos dizendo: "quando você limpa o quintal, não mata também as cobras pequenas?".

Outro padre conta: "um aluno da Missão de Bobonaro perdeu o pai e dois tios. Então, aquele aluno,de nome Pedro, foi lamentar-se ao Comandante das Boinas Vermelhas. Como resposta, os militares enfiaram uma corda no pescoço de Pedro e dependuraram-no numa árvore." (Fevereiro 1984).

Não é um caso isolado: "Desde Março, em Hauba,muitos homens e rapazes foram presos e mortos. No Suco de Kota-Boot quase todos os homens desapareceram, levados pelos soldados e mortos. Em Maio, cerca de 100 pessoas de Allas, a maioria homens e rapazes, foram presos e levados para Same e terrívelmente torturados. Em fins de Maio, princípios de Junho, na povoação de Leoma perto de Bazartete, os soldados começaram a prender muitos homens e rapazes" escreve um padre numa carta datada de 14 de Junho 1984.

Como o afirmaram os bispos portugueses em Março último, é de um verdadeiro GENOCÍDIO que se trata, uma tentativa de fazer desaparecer um povo, e com ele todos os seus valores humanos, culturais e religiosos.

Por isso, afirmam os bispos: "A Igreja pode e deve fazer ouvir a sua voz para que cessem as injustiças de que padece o povo timorense e ele possa, por si, em paz e liberdade, determinar o seu futuro."

Na mesma altura, a Comissão nacional Justiça e Paz declara: "Não se pode admitir que as mais altas instâncias internacionais ignorem ou subestimem a gravidade da situação, e aceitem impávidas o facto consumado."

"Vivemos sob a opressão. Timor-Leste parece-se actualmente com uma prisão", a Indonésia "volta a colonizar Timor-Leste", "os timorenses tornam-se na sua própria terra cidadãos de 2ª classe". A situação assim descrita por Monsenhor Belo, Administrador de Dili, não pode ser legitimada pelas negociações agora iniciadas entre Portugal e a Indonésia.

Longe de evitar o extermínio do povo de Timor-Leste, o reconhecimento da integração na Indonésia iria facilitá-lo mas não traría a paz.

Tal como consideram os bispos portugueses, na nota do seu Conselho Permanente (de 8 de Março de 1984): "É ilusório pensar que, por detrás destes tristes acontecimentos que ocorrem em Timor, não esteja a consciência de uma identidade nacional fortemente sentida, a qual não suporta ver-se reprimida ou aniquilada." Continua ainda a referida nota: "Timor aspira à plena expressão da sua individualidade própria, e impedir-lha traduz-se, não apenas num genocídio físico, mas num genocídio, digamos, cultural - este mais grave do que o primeiro, porque afecta tanto os que morrem como os que sobrevivem, e não só as gerações presentes como as futuras".
"Daí que pareça urgente afirmar que as autoridades portuguesas têm o dever de accionar todos os meios possíveis para apoiar o povo de Timor-Leste na defesa da sua sobrevivência e da sua dignidade", sublinha a Comissão Justiça e Paz da diocese de Setúbal.

Um padre indonésio que conhece de perto a situação, adverte: "A questão de Timor-Leste deve continuar viva. As críticas devem também continuar fortes porque só assim impediremos que as autoridades indonésias tenham as mãos livres".

Num apelo lançado pelos seminaristas de Timor-Leste, em Junho de 1984, aos jovens de todo o mundo, sublinhava-se:

"O nosso maior problema neste momento é que a violência e o terror não cessam de aumentar. A nossa fé, e a tenacidade em afirmar o amor à nossa identidade nacional, têm sido a única fonte de resistência para a luta que travàmos...
O preço que pagamos agora pela nossa luta é a prisão, bombardeamentos e decisões arbitrárias sofridas no dia-a-dia do nosso povo... Permita o Senhor que vocês façam algo para nos ajudar."

Não podemos permanecer indiferentes ao sofrimento do povo irmão de Timor. Neste Dia Mundial da Paz lembremos que "a paz não é unicamente a ausencia de guerra, nem se reduz ao mero equilibrio de forças adversas, nem provém de uma ditadura, mas define-se com razão e propriedade 'obra da justiça' (Gaudium et Spes,78 - citado pelos bispos indonésios numa carta dirigida ao clero e ao povo de Timor-Leste).

["A PAZ É POSSÍVEL EM TIMOR-LESTE"]